

## A VOZ DO POVO: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS COMENTÁRIOS EM NOTÍCIAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

### LA VOZ DEL PUEBLO: EL ANALISIS DE CONTENIDOS DE LAS REACCIONES EN LAS NOTÍCIAS SOBRE VIOLENCIA CONTRA LA MUJER

Vanildo Lisboa Veloso  
UFT, ITOP  
Rogéria Martins Costa  
UFT

***Resumo:** Este trabalho analisa os comentários de internautas em notícias sobre a violência contra mulher em periódicos online, a saber: G1, Estadão e Superinteressante. O objetivo da análise é verificar, por meio dos comentários na notícia, de que modo às pessoas discernem a violência contra a mulher. Através da análise de conteúdo, foram examinados comentários de quatro notícias sobre violências contra mulher, publicadas ao longo do mês de maio de 2016, nos periódicos. Observou-se, por meio da análise dos comentários, que existe uma “normatização” da violência contra a mulher e “culpabilização” da vítima em casos de estupro e outras violências, praticadas principalmente por homens.*

***Palavras-Chave:** Violência contra mulher; Comentários de internautas; Análise de conteúdo.*

***Resumen:** Este artículo analiza las reacciones de los usuarios de la internet en las noticias sobre la violencia contra la mujer en los periódicos en internet, a saber: G1, Estadão y Superinteressante. El objetivo del análisis fue verificar, a través de los comentarios en las noticias, cómo las personas perciben la violencia contra las mujeres. A través de análisis de contenido se examinaron las reacciones de cuatro noticias sobre la violencia contra la mujer, publicada a lo largo del mes de mayo de 2016, nos periódicos. Se observó con la análisis de las reacciones que hay una ‘normatización’ de la violencia contra las mujeres y ‘culpabilización’ a la víctima en los casos de violación y otras formas de violencia, practicado principalmente por los hombres.*

***Palabra Clave:** Violencia contra la mujer; Reacciones de los usuarios de la internet; Análisis del contenido.*

### Introdução

A sociedade possui diversos estereótipos verbais e não verbais sobre a mulher e seu papel. Através da autonomia de fala permitida pela internet, este “lugar-comum” da mulher compreendido pela sociedade, ganha palavras em reforço, cria-se uma imagem que aguça os sentidos, além de mitificar o papel da “menina-mulher”.

A internet é um modelador da imaginação/compreensão das pessoas de seu ambiente social, logo, ao analisarmos a “voz” ali presente buscou-se compreender esse ser social, que ganhou espaço de falar por si. No entanto, o que “o cidadão em rede” diz sobre a violência contra a mulher e o que essa fala reflete? É para buscar compreender essa questão, que esse trabalho adquire forma.

Para tanto, utilizamos como objeto de estudo, os comentários sobre violência contra a mulher, em notícias de diferentes periódicos online, sendo o mesmo uma amostra não probabilística, sendo, portanto, utilizados os comentários mais recentes, para cada notícia, delimitando-se assim ao conteúdo da primeira página de comentários.

O objetivo da análise é verificar, por meio dos comentários de que modo às pessoas discernem a violência contra a mulher e qual a posição que as pessoas assumem sobre o assunto abordado.

Através da análise de conteúdo, foram examinados comentários de quatro notícias sobre violências contra mulher, publicadas ao longo do mês de maio de 2016, em diferentes periódicos.

É imprescindível para desenvolver a temática a compreensão do contexto histórico da violência contra a mulher, para tanto, utilizamos referenciais teóricos que explanam sobre a violência contra a mulher e, ainda, sobre os “lugares comuns” da mulher dentro da sociedade.

Esta ótica nos permite entender a pesquisa, a partir do entendimento social de qual é “o papel da mulher e seu lugar comum” na sociedade brasileira em pleno século XXI, bem como as noções de conceitos como normatização e culpabilização da mulher neste citado meio social.

Logo, o trabalho possui como apoio teórico artigos e livros que abordam a mulher no contexto histórico, bem como pesquisa voltada para o discurso de gênero, visto que grande parte do trabalho estudará este âmbito.

Apesar de ainda pouco difundida na sociedade e muitas vezes não aceita por alguns grupos sociais, a discussão de gênero torna-se cada vez mais relevante, quando do conhecimento de resultados de pesquisa que abordam a violência contra a mulher.

A partir dos comentários de notícias sobre a violência contra a mulher, buscamos compreender a visibilidade e percepção das pessoas sobre o papel da mulher na sociedade do século XXI.

Observou-se ainda, por meio da análise dos comentários, que existe uma normatização da violência contra a mulher e culpabilização da vítima em casos de estupros e outras violências, principalmente por homens, bem como uma participação ainda não expressiva de mulheres nesses espaços de comentários.

## A mulher e seu papel social

A palavra “violência” tem origem latina e significa “força”, mas também origina do vocábulo “vigor”, por exemplo. Logo, percebe-se que a própria origem da palavra nos permite compreender como a violência é percebida até hoje: como uma característica necessária ao homem “forte e de vigor”.

Para a mulher a designação é de frágil, que é de sua natureza, a fragilidade e sensibilidade e da natureza do homem, a força e violência. Para Santos (2010) a discussão sobre gênero é um contraponto as interpretações biológicas que vinculam as diferenças sexuais às posições de homens e mulheres, socialmente.

Os primeiros ensaios e estudos sobre as desigualdades entre mulheres e homens buscavam se situar sobre o aspecto feminino, sobre seu corpo e sexualidade. As características biológicas, entre elas a pouca força física e até mesmo o menor peso do cérebro, estavam no centro desta concepção. Na tentativa de explicar que é da “natureza” feminina ser frágil e da “natureza” masculina ser forte. Que o lugar “natural” da mulher é a casa, e o lugar “natural” do homem é a rua. Esta naturalização da condição humana nada mais é do que uma resposta para legitimação das desigualdades sociais. (SANTOS, 2010, p. 3)

Para a mulher, desde a antiguidade até a atualidade foi definida em seu papel de mãe e donzela. Esse arquétipo mitológico molda nossa vida e são usadas de formas diferentes para homens e mulheres. A representação do mito da Grande mãe, hoje, simboliza o poder da mãe e/ou da mulher na sua força vital de manter o lar limpo para o bem-estar de toda a família.

Os homens são associados ao arquétipo de guerreiro, lutador, para proteger a mulher, que é associado ao papel da boa dama, do lar, cuidadora da família e respeitada. Os garotos desde pequenos são encorajados a serem fortes e independentes, assinala Senna (2006).

Sobre os símbolos, que evocam as representações idealizadas da mulher, destaca-se:

Em primeiro lugar destaca os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias) – Maria e Eva como símbolo da mulher – mas também mitos de luz e escuridão, de purificação e poluição, de inocência e corrupção”. Tais símbolos apresentam diversas representações, mas antes de serem somente diferentes, são contraditórios, porém não excludentes, como por exemplo, as imagens de “santa” e “puta”, haja vista que ambas as representações podem servir para a mesma mulher. Segundo elemento refere-se a “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam

limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher. (Santos 2010, p. 10)

Como exemplo destes arquétipos sociais, sendo utilizados na atualidade, podemos citar as representações destes modelos ideais na publicidade/propaganda, no qual o homem é apesentado como, “homem-guerreiro”, que é persuadido a possuir seu cavalo, por isso precisa comprar seu carro. E a mulher é mostrada, como a “Grande Mãe”, e recebe ajuda para manter o lar, portanto, é bombardeada com propagandas de produtos de limpeza para o lar, Senna (2006).

As mulheres são empurradas para o papel do arquétipo da Mãe, que cuida de tudo. Desde cedo elas são educadas para serem sensíveis gentis e carinhosas. Por muito tempo as mulheres evitaram assumir o arquétipo do “Guerreiro”, cujos valores são a independência, a força e a coragem. E os homens evitaram mostrar o seu lado carinhoso e sensível (SENNA, 2006, p. 14).

O Brasil ainda está muito atrasado nos estereótipos de gênero. Esse modelo de masculinidade é rígido e utiliza-se da hierarquia de gênero estabelecida pela sociedade para separar as “coisas de homem” e “coisas de mulher”. Pior ainda: as “coisas de mulher” parecem imutáveis na sociedade.

A construção da masculinidade ainda está relacionada à violência e repressão dos sentimentos por parte dos homens. Enquanto a construção da feminilidade está relacionada ao sentimentalismo, fragilidade, a responsabilidade pelos cuidados da casa e determinados padrões de comportamentos, como submissão ao marido, Drummond (1980).

O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela “liderança” masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizantes que homem e mulher “tornam-se” homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos (DRUMMOND, 1980, p. 81).

O supracitado é confirmado pela pesquisa realizada em pelo Instituto Avon sobre violência doméstica, no ano de 2013, apontando que 89% dos homens acham absurdo que a mulher não mantenha a casa em ordem. Essa pesquisa é realizada a cada dois anos pelo o Instituto. Esse dado mostra, que apesar das conquistas conseguidas pelas mulheres ao longo do século XX, ainda está arraigado na sociedade brasileira, ideias machistas.

O levantamento de dados feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com base nos dados de 2011 do Sistema de Informações de Agravo de Notificação do Ministério da Saúde (Sinan), apontou que 70% das vítimas de estupro no Brasil são crianças e adolescentes. Os dados apontam ainda que cerca de 25% dos casos de abusos contra crianças e adolescentes são feitos pelos próprios pais ou padrastos, e aproximadamente 32% por amigos ou conhecidos da vítima.

Logo, percebe-se que a família, uma importante instituição social para a formação do indivíduo, é principal meio utilizado para reafirmação do papel social ideal, do que é ser mulher.

O argumento de que o poder é propriedade de um grupo, e não de um indivíduo qualquer, está relacionado ao argumento de que gênero é tanto propriedade de instituições, como

parte de nossas identidades individuais. As instituições criam padrões normativos de gênero, expressam uma lógica institucional de gênero e são uns dos principais fatores de reprodução da desigualdade de gênero. (SANTOS, 2010, p.12)

Outro dado relevante sobre a violência brasileira são os números do 9º Anuário Brasileiro da Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que aponta que em 2014 o Brasil tinha um caso de estupro notificado a cada 11 minutos.

## A era da interação com a notícia

Os avanços tecnológicos ao longo do século XX, culmina com o surgimento do World Wide Web, a teia mundial de documentos dispostos na internet que permitem acesso a informação no hipertexto.

Surtem a partir da internet diversas ferramentas que democratizam e expandem a informação e comunicação, tais como: blogs, redes sociais, espaços de comentários em notícias, entre outros. Estas mudanças foram presentes, principalmente, no campo jornalístico, posto que, os meios de comunicação tradicionais, como, televisão, jornal impresso e rádio, precisaram adaptar-se aos novos tempos, criando, assim, plataformas também na internet, para contato com o público, visto que, as novas ferramentas da internet permitem a participação cidadã, no processo de comunicação (SOUSA, 2008).

Na era da internet as barreiras foram quebradas, e a comunicação ganha forma sem a necessidade de um porta-voz. O modelo de jornalismo *online* tornou-se o principal modelo de consumo de informação em todo mundo, com o padrão econômico de baixo custo de investimento e bom retorno financeiro (VIANA, 2001).

Logo, as atividades jornalísticas da contemporaneidade refletem o dinamismo, velocidade e instantaneidade dos processos interativos trazidos pelas inovações tecnológicas. A transformação do jornalismo percebe-se, principalmente, em relação à “audiência”, que agora interage com a notícia, de maneira imediata, ou seja, o processo de recepção foi transformado, destacam Anderson *et al.* (2013).

A adaptação a um mundo no qual o povo até então chamado de “audiência” já não é mero leitor e telespectador, mas sim usuário e editor vão exigir mudanças não só em táticas, mas também na concepção que o jornalismo tem de si (ANDERSON *et al.* 2013, p.01).

Por meio desta interação do leitor com a notícia, possibilitada pela internet que a esta pesquisa, busca compreender de maneira à violência contra a mulher é recebida pelas pessoas. A pesquisa analisar a própria “posição” da pessoa quanto ao assunto, por meios dos comentários na notícia.

## Terra sem dono

Conforme apontado na explanação do tópico anterior, a internet possibilitou que o cidadão se manifeste sobre os mais diversos assuntos, que crie blogs e adote plataformas diversas para interação com outros.

No entanto, estes instrumentos também são utilizados para a promoção de ódio e propagação de conteúdos ofensivos. Movimentos instigadores da violência são promovidos por pessoas que “auto intitulam” gestores da moralidade e bons costumes.

Para Bauman (1998) a vida social significa estar em uma estrutura construída de antemão, logo, a própria manutenção desta realidade tida como positiva precisa ser reafirmada em negação a realidade do outro. A moralidade e bons costumes precisam ser mantidos a qualquer, logo, recorre-se aos discursos de ódio.

O outro é ainda, constantemente esquecido, afastado e atacado de modo intencional. O outro - estranho é afastado da área de visão da sociedade, para que os “cidadãos de bem” não

sejam incomodados em seus fundamentos de ordem, Bauman (1998).

Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da “ordem”, sem atribuir às coisas seus lugares “justos” e “convenientes” – que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam “naturalmente”, por sua livre vontade. O oposto da “pureza” – o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” – são coisas “fora do lugar”. Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em “sujas”, mas tão-somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem de coisas idealizada pelos que procuram a pureza (BAUMAN, p. 14, 1998).

Logo, entende-se a reação das pessoas sobre violência contra a mulher no seguinte contexto; a mulher, que sai de seu papel “pura”, que lhe é devido, “mereceu” a violência, “buscou” a violência, pois se tornou “suja”. Os puros, certos de sua superioridade e da ordem das coisas, entendem que para livrar o mundo deles dos “impuros” de uma vez por todas, é necessário queimá-los, envenená-los, despedaçá-los, passa-los ao fio da espada.

No entanto, as mulheres cruzam as fronteiras, com permissão ou não e controlam sua própria localização, zombando dos que procuram a “pureza” para colocarem as coisas em seu lugar, deste modo, revelam a fraqueza e instabilidade de todas as acomodações. (Bauman, p. 14). Os “puros” socialmente, ao não conseguirem manter a ordem comum, a estrutura definida e natural, e com o impuro compartilhando do seu lar social, desafiando o próprio modelo de “pureza” atacam os “impuros” na tentativa de garantir a higiene (manter a sujeira longe) de todas as formas possíveis (ibidem).

## Análise de conteúdo

O método de análise de conteúdo é utilizado para o desenvolvimento de pesquisa qualitativa. O processo de análise de conteúdo foi sistematizado como método de investigação, no início do século XX, devido aos estudos de Leavell, sobre a imprensa e propagandas de outros países, no período da primeira guerra mundial, destacam Silva e Fossá (2013).

Como método de organização e análise de dados, a análise de conteúdo, apresenta características, no qual evidencia-se - considerando esta pesquisa- o foco em “qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos”, Cavalcante, *et al* (2014, p. 13).

Citando Bardin (2007), Cavalcante, *et al* (2014), destaca que constituída de várias técnicas, análise de conteúdo expõe o conteúdo enunciado, seja por entrevista ou texto, proporcionado, por meio dos procedimentos técnicos adotados, o levantamento dos indicadores e a inferência do conhecimento.

Segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), dependendo da vertente teórica seguida, o pesquisador pode adotar diferentes técnicas que a análise de conteúdo possui:

[...] Assim podem ser sintetizadas as várias técnicas, são elas: análise temática ou categorial, análise de avaliação ou representacional, análise de enunciação, análise da expressão, análise das relações ou associações, análise do discurso, análise léxica ou sintática, análise transversal ou longitudinal, análise do geral para o particular, análise do particular para o geral, análise segundo o tipo de relação mantida com o objeto estudado, análise dimensional, análise de dupla categorização em quadro de dupla entrada, dentre outras. [...] (CAVALCANTE, *et al*, 2014, p. 14)

A análise de conteúdo permite a compreensão da construção de significado dos que os atores sociais exteriorizam no discurso, aponta Silva, *et al* (2005 p. 74). Logo, por meio desde processo de investigação, o pesquisador pode compreender aspectos que o indivíduo expõe em relação a sua

realidade e a interpretação que faz dos significados a sua volta (Idem).

Bardin (2006) Silva e Fossá (2013) explicam as três etapas aplicadas para realizar a análise de conteúdo, a saber: pré-análise, exploração do material e interpretação. Em síntese o processo se resume, em:

1) Leitura geral do material coletado (entrevistas e documentos); 2) Codificação para formulação de categorias de análise, utilizando o quadro referencial teórico e as indicações trazidas pela leitura geral; 3) Recorte do material, em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico; 4) Estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de registro (passagem de dados brutos para dados organizados). A formulação dessas categorias segue os princípios da exclusão mútua (entre categorias), da homogeneidade (dentro das categorias), da 5) pertinência na mensagem transmitida (não distorção), da fertilidade (para as inferências) e da objetividade (compreensão e clareza); 6) agrupamento das unidades de registro em categorias comuns; 7) agrupamento progressivo das categorias (iniciais → intermediárias → finais); 8) inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico. (SILVA; FOSSÁ, 2013, p. 4)

Para Silva, *et al.* (2005), a análise de conteúdo é uma ferramenta importante para o entendimento do processo de construção social. Ainda, segundo o autor, os processos simbólicos envolvem a experiência do cotidiano, o que denota que a significação das diferentes realidades, estão relacionadas a representação social e sua interpretação. Logo, a operação que permite a interpretação desta realidade social é a análise de conteúdo.

Para Cavalcante, *et al* (2014) análise de conteúdo, surge como método de assimilação, tanto uma realidade visível quanto de uma realidade invisível, que pode se apresentar nas “entrelinhas” e possuir vários significados. Deste modo, reafirma a fala de Silva *et al*, ao apontar que por meio deste método é possível assimilar as diferentes realidades apresentadas.

## Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é de caráter exploratório. Possui uma abordagem qualitativa e quantitativa. Utiliza-se como instrumento metodológico análise de conteúdo, que é comumente utilizada para a análise qualitativa.

Quanto ao objeto da pesquisa, optou-se por notícias veiculadas sobre violência contra a mulher, utilizando-se como fonte os veículos de comunicação em plataformas digitais, ou seja, conteúdo digital (Internet). Para tanto, foram pesquisados os veículos de comunicação: G1 das Organizações Globo, Estadão e o Portal da Revista Superinteressante.

Ao todo foram analisadas 4 (quatro) notícias, que possuem como tema central a violência contra a mulher, sendo: duas notícias do veículo G1, uma notícia do veículo Estadão e uma notícia do veículo revista Superinteressante.

Concomitantemente, a coleta de dados se deu em duas fases, sendo a primeira composta de uma pré-análise, para sistematização das ideias e dados iniciais para análise do corpus.

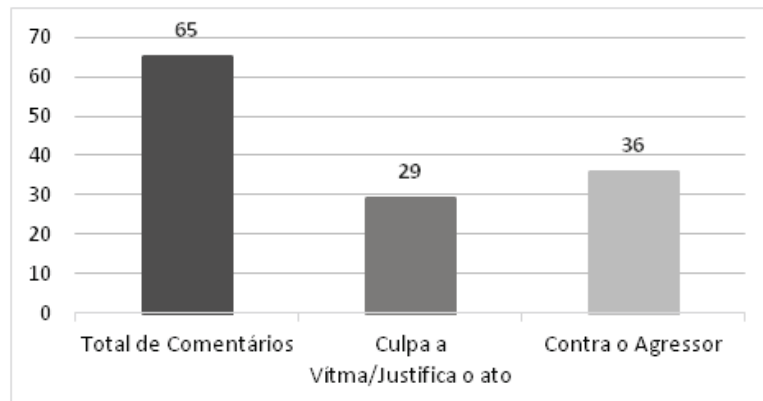
Em seguida partiu-se para a exploração do material, para tanto, criou-se um gráfico com duas categorias “culpa da vítima ou Justifica o ato” e “contra o agressor”. Além desse primeiro gráfico, elaborou-se outros dois, sendo o primeiro com as categorias acima divididas entre comentários de homens e mulheres, levando em consideração o total de comentários e o segundo para os mesmos critérios, divididos em comentários entre homens e mulheres, porém para cada uma das quatro notícias.

Após os gráficos analisou-se a porcentagem de respostas dadas por homens e mulheres para cada notícia, a fim de estabelecer um parâmetro quantitativo de participação de gênero em comentários sobre o assunto.

## Análise dos resultados

Analisou-se os comentários de quatro notícias sobre o tema proposto, publicadas em três sites nacionais. O gráfico 1 traz o número total de comentários dividido por categoria:

**Gráfico 1:** Total de Comentários por categoria

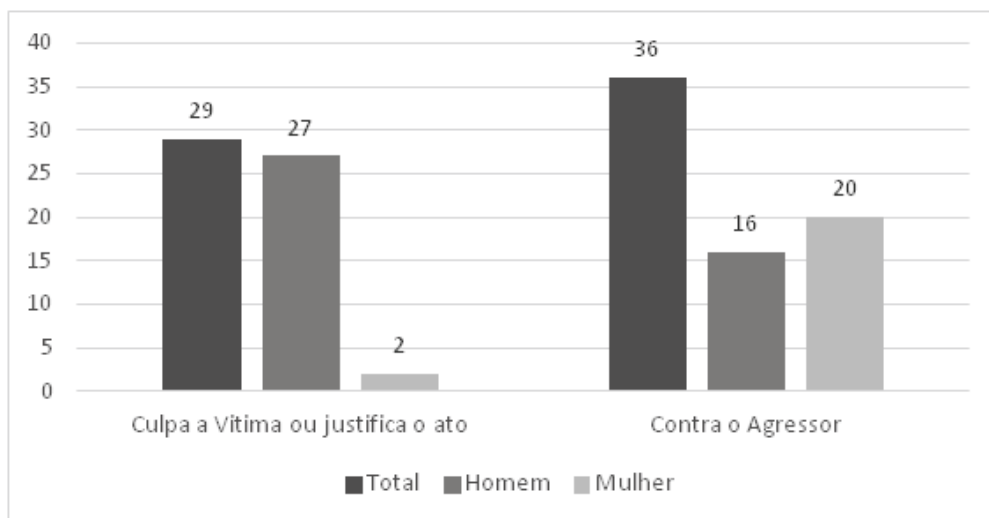


Fonte: Veículos de Comunicação Analisados

Através do gráfico de número 1 denota-se que do total de 65 comentários analisados, 29 foram contra a vítima, responsabilizando-a pelo ocorrido, ou justificando o ato do agressor e 36 comentários foram contra o agressor, ou seja, a favor da vítima.

Estratificando-se esses resultados, por divisão de categorias e participação de gêneros apresenta-se o gráfico 2:

**Gráfico 2:** Divisão por Categorias e por Gênero.



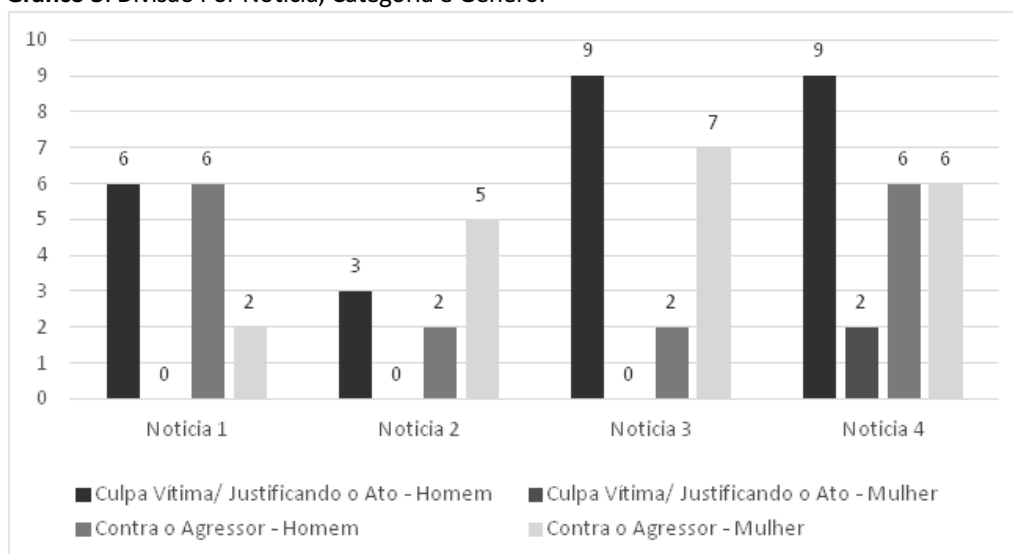
Fonte: Veículos de Comunicação Analisados

Através do gráfico 2 organizou-se os comentários nas categorias “culpa a vítima ou justifica o ato” e “contra o agressor”, bem como entre comentários realizados por gênero (homens e mulheres) para cada categoria.

Logo, dos 29 comentários feitos na primeira categoria, 27 foram de homens e 2 de mulheres. Ainda, para o gráfico 2, 36 comentários foram escritos para a segunda categoria, sendo 20 realizados por mulheres e 16 por homens.

Já o gráfico 3 traz a divisão dos comentários por notícia, categoria e gênero, ou seja, como foi o comportamento de homens e mulheres para as categorias escolhidas, contudo em cada uma das notícias analisadas:

**Gráfico 3:** Divisão Por Notícia, Categoria e Gênero.



Fonte: Veículos de Comunicação Analisados

Conforme gráfico 3 os comentários analisados da notícia de número 1 são de uma publicação do Portal G1, das Organizações Globo. A publicação é dia 28 de maio de 2016<sup>1</sup>. A análise dos resultados mostra que: 6 comentários foram feitos por homens na categoria “culpa a vítima/justifica o ato”. Quanto a categoria “contra o agressor” há 8 comentários, sendo 6 comentários de homens e 2 comentários de mulheres.

A notícia de número 2, que teve os comentários analisados foi publicada no portal do Jornal Estadão, do Estado de São Paulo. A publicação é do dia 28 de maio de 2016<sup>2</sup>. Neste caso notou-se uma maior participação de mulheres em relação a notícia 1 nos comentários, sendo que do total “contra o agressor” 5 comentários foram realizados por mulheres e 2 por homens e no quesito “culpa a vítima / justifica o ato” os 3 comentários existentes na primeira página são de homens.

Os comentários analisados da notícia 3 são de uma publicação no portal da revista Superinteressante. A matéria feita para a revista mensal foi também publicada no portal<sup>3</sup>. Foram 9 comentários de homens na categoria “culpa a vítima ou justifica o ato”. Ainda sobre a notícia 3 tivemos 9 comentários culpando o agressor sendo 7 realizados por mulheres e 2 por homens.

Na notícia de número 4 foram analisados os comentários de uma notícia também do portal G1, de 13 de maio de 2016. Trata-se de um crime passionais, Major matou a esposa “por ciúmes”<sup>4</sup>. Para esta notícia analisou-se 23 comentários, desses 11 são culpando a vítima ou justificando o ato, divididos em 9 realizados por homens e 2 por mulheres. Observou-se 12 comentários contra o agressor, sendo 6 feitos por homens e 6 por mulheres.

Na tabela 1 mostrar-se-ão os dados analisados nos gráficos, porém em forma de porcentagem:

**Tabela 1** Análise De Conteúdo – (%) Divisão Por Notícia, Categoria e Gênero.

Categoria	Gênero	NOT. 1	NOT. 2	NOT. 3	NOT. 4	Total NOT.
Quantidade de comentários analisados por veículo, para ambas as categorias e para ambos os gêneros	Total	14	10	18	23	65

<sup>1</sup> Link para a notícia 1 analisada: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/suspeito-de-envolvimento-em-caso-de-estupro-coletivo-e-detido-no-rio.html>

<sup>2</sup> Link para a notícia 2 analisada: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,pm-realiza-operacao-para-prender-suspeitos-de-estupro-coletivo-no-rio,10000053882>

<sup>3</sup> Link para a notícia 3 analisada: [http://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro?utm\\_source=redesabril\\_jovem&utm\\_medium=facebook&utm\\_campaign=redesabril\\_super](http://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro?utm_source=redesabril_jovem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_super)

<sup>4</sup> Link para notícia 4 analisada: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/05/major-alega-ciumes-como-motivacao-para-matar-esposa-em-escola-na-ba.html>



	% do Total	43%	30%	50%	48%	44%
Culpando a Vítima ou justificando o ato	Homens:	100%	100%	100%	82%	93%
	Mulheres	0%	0%	0%	18%	7%
	(% do Total)	57%	70%	50%	52%	56%
Quantidade de comentários contra o agressor	Homens	75%	28%	28%	50%	44%
	Mulheres	25%	72%	72%	50%	56%

**Fonte:** Veículos de Comunicação Analisados

Analisando a tabela 1 nota-se para as quatro notícias houveram 65 comentários, sendo 44% “culpando a vítima ou justificando o ato” e 56% “contra o agressor”. Desse total tem-se que para a primeira categoria: 93% dos comentários foram realizados por homens e 7 % por mulheres. No que tange a segunda categoria analisada 44% dos comentários foram feitos por homens e 56% por mulheres.

Concomitantemente, para a análise da notícia de número 1 separadamente, observou-se que do total de comentários 43% foram para a primeira categoria, sendo 100% deles escritos por homens. No que concerne os outros 57%, que se enquadram na segunda categoria, 75% foram escritos por homens e apenas 25% escritos por mulheres.

Logo, denota-se para a segunda categoria da notícia de número 1 falta de mobilização feminina no meio de comunicação e boa participação do público masculino na defesa da vítima.

Para a notícia de número 2 constata-se que 30% dos comentários são culpando a vítima ou justificando o ato, sendo 100% dos comentários realizados por homens. Ainda para a notícia de número 2, 70% do posicionamento foram para a segunda categoria “contra o agressor”, sendo 28% realizados por homens e 72% por mulheres. Logo, nota-se, portanto, para a notícia de número 2 uma maior mobilização por parte das mulheres.

Quanto à notícia de número 3, percebe-se que 50% dos comentários foram para a primeira categoria e 50% para a segunda. Para a primeira categoria 100% dos comentários foram escritos por homens. Quanto aos comentários para a segunda categoria da notícia de número 3, 22% foram realizadas por homens e 78% por mulheres. Ainda sobre a mesma notícia, levando-se em consideração que para cada categoria obteve-se um índice de 50% do total, observa-se a baixa participação de mulheres em notícias desse veículo.

Para a notícia de número 4, nota-se 48% dos comentários são culpando a vítima ou justificando o ato e que dentro desses 48% foram realizados por homens e 20% por mulheres. Ainda para a quarta notícia, 52% fizeram comentários contra o agressor sendo, 50% mulheres e 50% homens.

Os dados acima, para as quatro notícias, chamam atenção para a baixa participação das mulheres no que tange a defesa da vítima e a culpabilidade do agressor, sendo estas apenas 56% do total.

Ainda sobre a análise de conteúdo das quatro notícias, os principais argumentos utilizados contra a vítima foram: “ninguém forçou ela a ir para o lugar [que foi violentada]”; “Ela tinha ido a uma casa de sexo, achou”; “Era uma piranha”, dentre outros. Percebe-se também, que os comentários mais recorrentes nessa categoria, como já explicitado anteriormente, são de homens.

No que tange a comentários de alguns homens que não apontam para a culpa direta da mulher e que culpam o agressor, o mais recorrente é: “na cadeia esse marginal vai virar mulherzinha e vai sentir na pele o que a vítima sentiu”.

Nota-se através da frase citada no parágrafo acima um processo de normatização do instituto do estupro, posto que na opinião dos comentaristas das notícias o agressor “sofrerá como mulherzinha com estupro na cadeia”, ou seja, que o estupro em si seria para mulheres ou ainda conforme o termo chulo utilizado para “mulherzinhas”.

Ainda acerca dos comentários percebe-se que os “argumentos” utilizados para justificativa da violência foram em sua maioria estereótipo de gênero, como: “Se tivesse lavando roupa, isso não teria acontecido”; “Lugar de mulher é em casa”; “Procurou? Achou!”.

Este dado, observado através da análise de conteúdo, é corroborado pela pesquisa, do Instituto Avon, sobre a percepção masculina da violência contra a mulher, realizada em 2013, no qual aponta que a visão tradicional do que é ser homem ou mulher, a posição de cada um na sociedade, e a inferiorização do gênero feminino ainda continuam forte entre os homens.

## Considerações Finais

Logo, considerando a análise de conteúdo dos comentários realizados nas notícias veiculadas nos portais supracitados, percebe-se que existe uma normatização da violência contra a mulher ainda em voga no país.

Essa normatização fica muito nítida quando munidos dos dados do 9º Anuário Brasileiro da Segurança Pública, que aponta a existência no ano de 2014 no Brasil o alarmante número de um caso de estupro notificado a cada 11 minutos.

Observou-se, ainda, concomitantemente a consideração exposta acima, dados da pesquisa do Ipea, onde expõe-se que 70% dos casos de estupro em mulheres são cometidos por parentes, namorados ou amigos/conhecidos da vítima.

Percebeu-se ainda, que a violência contra a mulher se dá pela persistência no país de estereótipos de gênero, conforme pesquisa do Instituto Avon, realizado no ano de 2013 que aponta que a visão tradicional do que é ser homem e mulher, conforme referencial teórico, continua forte entre os homens.

A pesquisa supracitada aponta, que a construção da masculinidade ainda é ligada a experiências de violência e repressão dos sentimentos. Além disso, os homens consideram ainda, as mulheres responsáveis pelos trabalhos domésticos, bem como fadadas a padrões de comportamentos, como não sair sem o marido, por exemplo.

Outro ponto que corrobora para esse resultado são as frases encontradas nos comentários e dentre as quais, destaca-se: “na cadeia esse marginal vai virar mulherzinha e vai sentir na pele o que a vítima sentiu”.

Além da óbvia normatização da violência contra a mulher, através da análise de conteúdo, observa-se também uma constante culpabilização da vítima em casos de estupros e outras violências, principalmente por homens.

Neste caso, quando não se culpa diretamente a vítima em comentários comuns encontrados em notícias como estas e, até mesmo, em redes sociais, busca-se que a mesma vítima se sinta culpada pelo caso em específico, ou seja, além da culpabilização por parte dos outros, há movimento para auto-culpabilização por parte da vítima.

Logo, percebeu-se nesta análise, que realmente a vítima do sexo feminino de estupro e outras violências, além do sofrimento causado pelo ato em si, sofre também rechaço social, com a normatização e a culpabilização por parte de terceiros pelo caso.

Há que pontuar-se ainda a baixa participação de mulheres através desse canal de comunicação e debate. Nota-se sim, uma participação concisa das mulheres em frentes de defesa de seus direitos, porém na análise específica notou-se que dos comentários contra o agressor apenas 55% deles foram realizados pelo sexo feminino.

Recomenda-se que este estudo seja ampliado para os mais diversos veículos de comunicação e para uma quantidade maior de comentários em notícias como as analisadas, para assim corroborar no combate a violência e no engajamento de toda a sociedade e em especial das mulheres, no que tange cada vez mais conscientizar sobre a garantia de direitos e a importância da denúncia em casos de violência contra a mulher.

## Referências

ADERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **O Jornalismo pós-industrial: Adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, 2ª Edição, Tradução: Ada Félix, p. 30-89, 2013.

AVON. **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher**. Instituto Avon / Data Popular. Disponível em: <<http://centralmulheres.com.br/data/avon/Pesquisa-Avon-Datapopular-2013.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2016.

BAUMAN, Zigmund. **Mal estar da pós-modernidade**, Rio de Janeiro. Zahar, 1998.

CAVALCANTE, Ricardo B.; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta M. K. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**. Periódico Informação & Sociedade: Estudos: Periódico virtual do Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação da UFPB, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10000/10871>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

DRUMONT, Mary P. **Elementos para uma análise do machismo**. Revista Perspectivas: Revista de Ciências Sociais da UNESP, São Paulo, v.03, p. 81-85, 1980.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 9º ano, São Paulo, 2015. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario\\_2015.retificado\\_.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2015.retificado_.pdf)> Acesso em: 25 mai. 2016.

FOSSÁ, Maria Ivete T.; SILVA, Andressa H. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. ANPAD, EnEPQ/2013, IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília 03 – 05 de novembro de 2013. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq\\_2013/2013\\_EnEPQ129.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2016.

IPEA. **Nota Técnica: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)**. Edição de número 11, Brasília, 2014. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140327\\_notatecnicadiest11.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf)>. Acesso: 25 mai. 2016.

SENNA, Natália B. **A mulher na propaganda: representação social e evolução**. Monografia Acadêmica (Graduação em Comunicação Social, habilitação Publicidade de Propaganda) Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, UNICEUB, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1364/2/20167215.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2016.

SILVA, Cristiane R.; GOBBI, Beatriz C.; SIMÃO, Ana A. **O uso da Análise de Conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. Revista Organizações Rurais e Agroindustriais: revista virtual de Administração da UFLA, Lavras, v.07, n.1. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

SOUZA, Jorge P. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: \_\_ (org.) **Jornalismo: história, teoria e metodologia – perspectivas luso-brasileiras**. Porto: Edições Universidade. Fernando Pessoa, 2008.

Recebido em 10 de junho de 2016  
Aprovado em 1º de agosto de 2016